

O Progresso Catholico

«... sequior autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

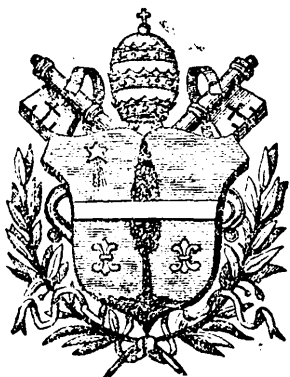
AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: *Carta Encyclica do Nosso Santo Padre Leão XIII sobre o centenario do Bemaventurado Pedro Canisius.* — SECÇÃO HISTORICA: *Roberto de Sorbonne*, pelo rev.^{mo} snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — *S. Luiz, Bispo de Tolosa* (tradução). — SECÇÃO CRITICA: *Desanimadores!* pelo ex.^{mo} snr. D. Antonio d'Almeida. — SECÇÃO LITTERARIA: *Vimra missionario*; — *A educação da mulher*, pelo ex.^{mo} snr. Flavio Martins. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Jesus cura um leproso*; — *A Assumpção de Nossa Senhora.* — RETROSPECTO.

Gravuras: *Jesus cura um leproso*; *A Assumpção de Nossa Senhora.*



JESUS CURA UM LEPROSO



CARTA ENCYCLICA

DO

NOSSO SANTO PADRE LEÃO XIII

Sobre o centenario do
Bemaventurado Pedro Canisius

Aos nossos veneraveis Irmãos, os arcebispos e bispos d'Austria, d'Allemanha e da Suissa

LEÃO XIII, PAPA

VENERAVEIS IRMÃOS, SAUDE E BENÇÃO APOSTOLICA

A CONVENIENCIA da Igreja militante, assim como o zelo do seu esplendor deve interessar seus membros em celebrar com frequentes e solemnes ceremonias a memoria dos homens que por sua virtude e piedade eminentes subiram a uma alta gloria na Igreja triumphante. Essas festas fazem effectivamente reviver a lembrança da antiga santidade, lembrança que é sempre vantajoso recordar, mas salutarissima é principalmente a sua evocação em epochas hostis á virtude e á fé. No anno presente, em que por bondade da divina Providencia Nos é permittido festejar o terceiro centenario da morte de *Pedro Canisius*, homem de grande santidade, é Nosso grande desejo vêr os homens de bem reanimados pelos meios d'acção com que aquelle homem prestou tão grandes serviços á sociedade christã.

O nosso seculo apresenta de facto certas relações com a epocha em que viveu Canisius, e em que um desejo immoderado d'innovações e a invasão de doutrinas demasiado livres originaram grandes perdas para a fé e tambem a perversão dos costumes. Aquelle que, depois de Bonifacio, foi apostolo da Germania intentou furtar a estes dois flagellos todas as classes da sociedade, mas principalmente a mocidade; combateu-os não só com discursos opportunissimos ou discussões subtilezas, mas tambem e principalmente com a fundação d'escolas e publicação de excellentes obr.s.

Seguindo-lhe o exemplo, muitos cidadãos da vossa nação, exercendo

não pouca actividade e servindo-se das mesmas armas contra os inimigos que de nenhuma sorte eram ignorantes dedicaram-se, para a defeza e exaltação da religião, ao estudo das mais nobres sciencias e ao ardente cultivo de todas as artes liberaes.

Animava-os a franca approvação dos Pontifices romanos, que sempre se empenharam cuidadosamente em manter o antigo esplendor das lettras e fazer progredir todos os ramos da civilização.

Não ignoreis, veneraveis Irmãos, que Nós mesmo temos sempre tomado a peito, mais que tudo, velar pela boa e sã educação da mocidade, e que em toda a parte a temos assegurado, quanto Nos tem sido possivel.

Gostosamente aproveitamos a presente occasião para propôr o exemplo d'esse varão corajoso que foi Pedro Canisius áquelles que no campo da Igreja combatem por Christo, para que se convençam de que á justiça da causa se devem juntar as armas da sciencia, e para que d'esta sorte possam defender mais vigorosa e effectivamente a religião.

Quam grande foi a tarefa, que este homem arreigadissimo á fé catholica empreendeu no interesse da Igreja e da sociedade, facilmente o comprehendirão todos os que ponderarem o estado da Allemanha no começo da revolta lutherana. A corrupção dos costumes, tornando-se cada vez mais profunda, abriu ao erro entrada facil, e por outro lado o erro levou ao cumulo a corrupção dos costumes. O numero dos que se afastavam da fé catholica ia crescendo todos os dias; o veneno da heresia depressa invadiu quasi todas as provincias; infestou os homens de todas as classes, e tanto que muitas pessoas creram que a causa da religião n'esse imperio estava extremamente arriscada e que mal se poderia oppôr remedio ao flagello. Effectivamente a situação seria desesperada se Deus não intervisse com opportuno soccorro.

E' certo que na Allemanha ainda havia homens de fé solida, notaveis pela sua sciencia e pelo seu conhecimento da religião; lá estavam os principes da casa de Baviera e da casa d'Austria, em primeiro logar o rei dos romanos, Fernando primeiro do nome, que estavam resolvidos a conservar e defender com todas as suas forças a religião catholica. Mas Deus enviou á Allemanha em perigo um amparo novo e muito mais poderoso: foi effectivamente n'essa epocha que nasceu a sociedade de Loyola, cujo primeiro representante entre os germanos foi Pedro Canisius.

Não vamos certamente recordar aqui em todos os seus pormenores a vida d'este homem d'eminente santi-

dade: o zelo com que empreendeu reconduzir á antiga concordia e união dos espiritos a sua patria dilacerada pelas dissensões e revoltas... o ardor que poz em discutir publicamente com os mestres do erro... os discursos com que reanimou os corações, as perseguições que soffreu, os paizes que percorreu, as grandes missões de que se encarregou no interesse da fé. Mas voltando outra vez a nossa attenção para as armas da sciencia, que constancia a sua, que habilidade, que sabedoria, que opportunidade para as manejar sempre!

Depois da sua volta de Messina, onde fôra mestre em eloquencia, dedicou-se ao ensino da sciencia sagrada nas academias de Colonia, Ingolstadt e Vienna, onde, seguindo a estrada real traçada pelos doutores mais experimentados da eschola christã, abriu em beneficio dos germanos os thesouros da philosophia escholastica. Como os inimigos da fé tinham então um profundo horror por esta doutrina, convictos de que ella esclarece vivamente a verdade catholica, cuidou de que esta philosophia fosse ensinada publicamente nos lyceus e collegios da sociedade de Jesus, á fundação dos quaes applicara muito zelo e trabalho.

Não se dignou de descer do fastigio da sciencia aos elementos das lettras, encarregando-se da instrucção das creanças e escrevendo até para uso d'ellas alphabetos e grammaticas. Do mesmo modo que deixava a côrte dos principes com quem conversava, e ia muitas vezes dirigir a palavra ao povo, assim tambem, depois de ter escripto sobre graves assumptos, sobre as controversias dogmaticas ou a moral, trabalhava em seguida na composição de livrinhos destinados a fortalecer a fé do povo, a excitar e alimentar a piedade. Obtem admiraveis resultados n'esta grande missão, que consiste em impedir que os ignorantes sejam apanhados nas redes do erro. Para este fim, publicou uma *Summa da doutrina catholica*, obra solida e concisa, escripta em phrase brilhante, e cujo estylo não é indigno dos Padres da Igreja.

Esta obra notavel foi recebida com grandes louvores em quasi todos os paizes da Europa. Menos volumosos, mas não menos uteis foram os dois mui celebres *Catechismos* que o bemaventurado escreveu para uso das intelligencias pouco cultivadas; um para recordar a religião ás creanças, outro para instruir os adolescentes já applicados ao estudo das lettras. Estas duas obrinhas, apenas publicadas, obtiveram dos catholicos tal favor que se gastaram nas mãos dos homens encarregados d'ensinar os elementos da verdade. Não só os empregaram nas escholas

para lhes extrahir o leite da doutrina, mas até eram explicados publicamente nos templos para proveito commum. Durante tres seculos, Canisius foi considerado como o mestre dos catholicos d'Allemanha e, na linguagem popular, «conhecer Canisius» e «conservar a verdade christã» eram locuções synonymas.

Estes exemplos dados por um homem tão santo assaz indicavam o caminho que devem seguir todas as pessoas de bem. Bem sabemos, veneraveis Irmãos, que um dos mais bellos titulos de gloria da vossa nação, é utilizardes sabiamente e com fructo o vosso talento e os vossos trabalhos para augmentar a grandeza da vossa patria, a prosperidade do publico e dos particulares. Mas o que principalmente importa é que quantos homens sabios e virtuosos ha entre vós empreguem vigorosos esforços para assegurar o bem da religião, que á sua gloria e defeza dediquem todas as luzes do seu espirito, toda a força da sua palavra e que para este mesmo fim se familiarizem sem perda de tempo e minuciosamente com todos os progressos das artes e das sciencias.

Se tem havido epocha que deva pedir á sciencia e á erudição armas para defender a fé catholica, é certamente a nossa, na qual rapidos progressos em todos os ramos da civilisação fornecem frequentemente aos inimigos da fé christã occasião de a atacar. Com as mesmas forças se deve repellir o embate; é preciso occupar a praça primeiro que elles, arrancar-lhes as armas com que tentam quebrar todo o laço entre Deus e o homem.

Os catholicos, fortificando assim o seu espirito e esclarecendo-se convenientemente, poderão mostrar com factos que a fé não só não é em cousa alguma hostil á sciencia, mas até é a sua cupula; que, ainda nos pontos que á primeira vista parecem oppostos ou contradictorios, tanto pode harmonisar-se e unir-se com a philosophia que as luzes d'uma e da outra se fortalecem mutuamente cada vez mais; que a natureza não é inimiga, mas companheira e auxiliar da religião; finalmente que as inspirações d'esta, não só enriquecem todo o genero de conhecimentos, mas também fortalecem e vivificam as letras e as outras artes.

Quanto ao lustre que as sciencias sagradas colhem das sciencias profanas, facil é imaginal-o aos que conhecem a natureza humana, sempre inclinada ao que lisonjeia os sentidos. Por isso entre os povos que sobrelevam a outros em grau de civilisação, a custo se dá alguma consideração a uma illustração rude, e os doutos principalmente não fazem caso de quanto não

ostenta uma certa belleza, um certo encanto. *Ora nós somos os devedores dos sabios* não menos que dos ignorantes, com quanto devamos tomar logar ao lado dos primeiros e, se elles se extraviarem, reconduzil-os e segural-os na sua plana.

Por este lado se offereceu certamente um vasto campo á Egreja. Desde que depois de longas carnificinas retomou forças, homens muito sabios illustraram com seu talento e sciencia esta mesma fé que homens corajosissimos tinham sellado com seu sangue. Em primeira plana, os artifices d'esta maguificencia litteraria foram os Padres da Egreja, cujas mãos mereciam a palma do valor, cuja palavra era quasi sempre erudita e digna de ser ouvida pelos gregos e pelos romanos. Excitados por assim dizer pelo agulhão da sua doutrina e eloquencia, muitos fieis dedicaram todo o seu zelo aos estudos sagrados, e constituiram um tão rico patrimonio de sabedoria christã que em todos os tempos os servos da Egreja alli tem pedido ir buscar armas para destruir as antigas superstições ou anniquillar os novos phantasmas suscitados pela heresia.

Mas os thesouros legados pelos sabios, os seculos os hão dissipado, e o que de mais precioso havia entre essas riquezas, exposto á avidez dos barbaros, estava em risco de cahir no esquecimento. Se os antigos monumentos do genio e da habilidade do homem, se os objectos que outr'ora eram tidos em maior honra entre os gregos e os romanos não pereceram completamente, aos trabalhos e zelo da Egreja se deve unicamente attribuir tal resultado.

Se a luz que emana das artes e das sciencias irradia por tal forma sobre a religião, aquelles que se dedicavam a esses estudos devem empregar não só todo o seu poder intellectual, mas ainda toda a sua actividade para que os seus conhecimentos proprios não fiquem solitarios e estereis. Façam os doutos fructificar seus estudos em proveito da republica christã, e dediquem seus passatempos particulares á utilidade commum, a fim de que esses conhecimentos que elles possuem não permaneçam em estado d'esboço, para assim dizer, mas appareçam no campo da acção pratica. Ora, esta acção pratica revella-se principalmente no ensino da mocidade, obra esta tão importante, que reclama a maior parte dos seus trabalhos e cuidados. Por isso a vós, entre todos, veneraveis Irmãos, exhortamos vivamente e vos instamos que attentamente veleis pela manutenção das escholas na integridade da fé, ou mesmo, em caso de necessidade, para restabelecer n'ellas a mesma fé e dedicar-lhes cuidados, tanto ás escholas

fundadas pelas gerações precedentes como ás mais recentemente estabelecidas, e não só ás escholas infantis, mas também ás chamadas secundarias ou academicas. Quanto aos outros catholicos do vosso paiz, devem empregar todos os seus esforços para que no ensino da mocidade sejam restaurados e defendidos os direitos dos paes e da Egreja.

N'esta materia, eis as principaes regras a observar. Em primeiro lugar, os catholicos não devem, principalmente para as creanças, escolher escholas mixtas, mas ter escholas particulares, e devem escolher mestres muito bons e muito experimentados. E' perigosissima a educação em que a religião é alterada ou nulla; e Nós vemos que nas escholas chamadas mixtas se dá frequentemente algum d'estes dois casos. E não se seja facil em acreditar que a instrucção e a piedade podem impunemente encontrar-se separadas. Se é verdade que nenhuma parte da vida, quer particular, quer publica, pode ser ismpta do dever de religião, não ha idade em que menos afastado deva ser este dever que a primeira idade em que a cordura falta, em que o espirito é ardente e o coração se encontra exposto a tantas attrahentes causas de corrupção. Organisar o ensino tirando-lhe todo o ponto de contacto com a religião, é corromper na alma os proprios germens do bello e do honesto, é preparar, não defensores da patria, mas uma peste, um flagello para o genero humano. Que consideração—supprimido Deus—poderia suster os moços no dever, ou reconduzil-os a elle quando se desviaram do recto caminho da virtude e desceram aos abyssos do vicio?

Em segundo logar, é necessario não só que a religião seja ensinada ás creanças a certas horas, mas que todo o outro ensino exhale como um odor de piedade christã. Se não fôr assim, se este aroma sagrado não perfumar e alentar o espirito dos mestres e dos alumnos, a instrucção, seja qual fôr, pouco fructo produzirá, e terá pelo contrario, muitas vezes, mui graves inconvenientes. Quasi toda a sciencia tem effectivamente seus perigos e os moços não lhe poderiam escapar, se freios divinos não segurassem sua intelligencia e coração. E' pois necessario tomar grande cautella para que a pratica da justiça e da piedade, cousas essenciaes, não seja relegada para segunda plana; que a mocidade, só impressionada com cousas que se offerecem a vista, não deixe enfraquecer em si as molles da virtude; que, enquanto seus mestres esquadrinham laboriosamente deante d'elles o alphabeto d'alguma sciencia enfadonha, os moços não concebam al-

guma prevenção contra a verdadeira sabedoria cujo principio é o temor de Deus e com os preceitos da qual devem conformar todos os instantes da sua vida. A transmissão dos multiplices conhecimentos humanos deve ir junta com a cultura da alma. Toda a especie d'ensino, seja em definitiva qual fôr, deve ser penetrada e dominada pela religião, de modo que esta, por sua magestade e suavidade, prevaleça por tal forma, que deixe na alma dos moços, por assim dizer, agulhões bem-fazejos.

Por outro lado, pois que a intenção da Igreja foi sempre que todos os generos d'estudos servissem principalmente para a formação religiosa da mocidade, é necessario não sómente que este ramo d'ensino tenha o seu logar marcado, e que este logar seja o principal, mas ainda que ninguem possa exercer tão graves funções sem para isso ter sido julgado apto pelo juizo da Igreja, e confirmado n'esse emprego pela auctoridade religiosa.

Mas não é só na instrucção da infancia que a religião reclama seus direitos. Houve tempo em que os regulamentos de todas as universidades, e principalmente da de Paris, providenciavam tão bem para subordinar todas as ordens d'ensino á sciencia theologica, que ninguem era considerado digno dos mais altos titulos scientificos, se não houvesse obtido um grau em theologia. Leão X, restaurador da era augustal, e depois d'elle os outros Pontifices Nossos predecessores, quizeram que o Atheneu romano e os outros estabelecimentos d'instrucção chamados «Universidade», n'um tempo em que as guerras impias se desencadeavam contra a Igreja, fossem como fortes cidadellas onde, sob o commando e as inspirações da sabedoria christã, a mocidade recebesse o seu ensino.

Este systema d'estudos, que dava o primeiro logar a Deus e ás cousas sagradas, produziu não pequenos fructos. Com elle se obteve, pelo menos, que os moços assim educados permanecessem mais fieis aos seus deveres. Estes felizes resultados se renovarão entre vós, se consagrardes todos os vossos esforços a obter que nas escholas chamadas secundarias, nos gymnasios, lyceus, acadêmias, os direitos da religião sejam respeitadas. Possam vossos esforços não topar nunca com o obstaculo que esterilisa as melhores intenções e inutilisa todos os trabalhos, iato é, a divergencia d'opinões e a falta d'unidade na acção.

Que poderão as forças divididas das pessoas de bem contra o assalto de seus inimigos colligados? De que servirá o merito dos individuos, não havendo regra de proceder commum? Nós vos

exhortamos vivamente a afastar toda a controversia importuna, toda a contenda de partidos, cousas que facilmente dividem as almas, do sorte que todos os fieis tenham uma só vez para defender a Igreja, todas concentrem suas forças para as dirigirem a um só fim, pondo n'isso a mesma boa vontade, zelosos de conservarem a unidade de espirito no laço da paz. (1)

Estas considerações Nos convidaram a recordar e evocar a memoria d'um homem muito santo. Possam seus illustres exemplos gravar-se nos espiritos e excitar o amor da sabedoria que elle possuia, e possa esta sabedoria trabalhar, sem jamais afrouxar, na salvação dos homens e na defeza da dignidade da Igreja. Esperamos que vós, veneraveis Irmãos, que mais que todos applicaes a esta materia a vossa sollicitude, encontrareis entre os mais instruidos muitos homens desejosos de compartilharem a gloria e os trabalhos de Canisius. Mas são principalmente aquelles a quem a Providencia de Deus incumbiu da bella missão d'ensinar a mocidade que poderão prestar-vos seu nobre concurso, o qual pela natureza da sua obra, naturalmente vos pertence. Se recordarem que a sciencia, como diziam os antigos, mais merece o nome de «habilidade» que o de sabedoria, quando separada da justiça; ou melhor, se meditarem a phrase da Escripura: «São vaidade... todos os homens em quem não estiver a sciencia de Deus» (1), aprenderão a servir-se das armas da sciencia, não tanto para sua utilidade pessoal como pelo interesse geral. Poderão esperar do seu trabalho e esforços os mesmos fructos que outr'ora obteve Pedro Canisius nos seus collegios e nos seus estabelecimentos d'educação, isto é, moços doces, de bons costumes, ornados de virtudes, detestando os exemplos dos homens impios, achando equal attractivo na sciencia e na virtude. Quando a piedade tiver lançado em suas almas profundas raizes, pouco haverá a recear que essas almas sejam invadidas pelo erro ou transviadas da virtude. E' n'ellas que a Igreja e a sociedade civil fundarão suas melhores esperanças de vêr apparecer cidadãos honestos cuja cordura, prudencia e sciencia contribuirão para a salvação da ordem social e para a tranquillidade da vida domestica.

Para terminar, elevamos Nossas orações ao Deus bellissimo e grandissimo, que é «o mestre das sciencias», á Virgem sua Mãe, e lhes pedimos, por intercessão de Pedro Canisius, cuja sciencia tanto mereceu da Igreja

catholica, se dignem attender os votos que forma a Igreja para seu proprio augmento e bem da mocidade. Cheio d'esta esperanza, de todo o Nosso coração vos concedemos a cada um de vós, veneraveis Irmãos, ao vosso clero e a todo o vosso povo, como penhor dos celestes favores e prova da Nossa paternal benevolencia, a benção apostolica.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, no 1.º d'agosto de 1897, vigessimo anno do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, Papa.

SECÇÃO HISTORICA

Roberto de Sorbonne

A 15 de agosto de 1274 falleceu em Paris um homem notavel que eternizou o seu nome por suas acções grandiosas, em beneficio da Igreja e da sociedade: ha exactamente 623 annos que elle desapareceu do mundo.

Era d'uma familia obscura de Sorbon, pequena villa de Champagne, na diocese de Reims. D'aqui lhe veio o nome de Sorbon ou Sorbonne. Recebeu a graça com o nome de Roberto.

Roberto de Sorbonne deve ser contado entre os homens mais conspicuos que floresceram no seculo XIII, seculo de tanto esplendor e gloria nos fastos da Igreja catholica.

Uma breve reflexão, que vem a proposito.

Quando se lança uma vista attenta e calma sobre o seculo XIII e ainda sobre outros que já passaram, fica-se convencido de que elles não foram desprovidos de gloria e grandeza, e de que em facto de bondade e de prosperidade elles nada teem a invejar-nos.

Nossos paes tinham principios, sabiam ser-lhes fieis, crearam instituições fortes e vitaes, obra do tempo e das necessidades sociaes.

O seculo XIII, em pleno dia da idade media, foi um seculo grande: viu crescer Pontifices como Innocencio III, Gregorio IX, Innocencio IV, reis como S. Luiz em França, S. Fernando III em Castella, Santa Isabel em Hungria; santos como Domingos de Guemão, Francisco de Assis, Thomaz de Aquino, Boaventura e outros; homens sabios como Pedro Lombardo, Alberto Magno, Alexandre de Halles, Duns Scott e Raymundo Lullo.

Tudo então era trabalho, e a religião, sentada no throno, reinava em todos os corações.

A Igreja, fiel á sua missão divina,

(1) Ad. Ephes., IV, 3.

foi n'esse seculo, como sempre, a alma de todo o bem que se operou. Excitou ou moderou, segundo as necessidades, a actividade e a energia dos soberanos e dos povos. As sciencias e as artes foram o resultado exclusivo dos esforços, dedicação e trabalhos dos seus filhos.

Deu se um sublime impulso á santidade e a todas as virtudes, e o desenvolvimento da razão e da sciencia foi tão admiravel como o da fé.

A idade media, sobretudo o seculo XIII... Mas passemos adiante, porque muito haveria que dizer a este respeito. Basta o que fica enunciado. Voltemos a fallar de Roberto de Sorbonne, luz brilhante d'essa epocha.

Depois de receber o grau de doutor em Paris, elle consagrou-se á pregação da palavra divina e ás conferencias de piedade. Em consequencia de ser de berço humilde, de paes pobres, Roberto teve muita difficuldade em seguir os seus estudos e em tomar o grau de doutor. Conseguiu-o, porém, por seu constante trabalho. Começou logo a sua reputação como varão apostolico e director das almas.

Não pedia esta circumstancia passar despercebida a S. Luiz que então tão gloriosamente occupava o throno da França. O grande principe nomeou Roberto de Sorbonne seu capellão ou seu esmoler, e em seguida o tomou por seu confessor.

Mais tarde foi nomeado conego de Cambrai, e logo concebeu fundar um collegio de jovens clerigos pobres, a fim de lhes ensinar gratuitamente as sciencias theologicas. Tal é a origem da Sorbonna, que deve o seu nome ao fundador. Succedeu isto em 1253.

Depois creou outro collegio para ensinar humanidade e philosophia. E' conhecido pelo nome de *pequena Sorbonna*.

S. Luiz associou se com o seu capellão á construcção d'aquella instituição que tão famosa se tornou nos tempos futuros, e que foi confirmada por Clemente IV em 1268, por uma Bulla expressamente expedida para esse fim.

Em 1258 Roberto de Sorbonne foi feito conego de Paris, e era tal a sua reputação, que os mesmos principes o tomaram por arbitro em varios negocios importantes.

Já disse que o illustre fundador da Sorbonna falleceu a 15 de agosto de 1274: tinha 73 annos de idade.

Legou ao collegio todos os seus bens que eram consideraveis.

O collegio da Sorbonna serviu de modelo a todos os que depois se fundaram: porque até esse tempo não havia na Europa comunidade alguma em que os ecclesiasticos seculares vissem e ensinassem em commum.

O grande Cardeal Richelieu fez restaurar, em 1629, a igreja, a casa, as escolas da Sorbonna, e mandou ahí collocar uma rica bibliotheca. Por esta razão é o cardeal considerado o segundo fundador d'aquella casa.

A sociedade da Sorbonna de Paris, segundo o parecer dos maiores historiadores e criticos, foi uma das mais bellas instituições que teem havido na Igreja. Durante mais de 5 seculos ella foi um seminario de sabios theologos, tão distinctos por sua piedade como por seus talentos.

Este collegio contribuiu poderosamente para a defeza da fé catholica, para o sustentaculo da sã moral, para a edificacção dos fieis, para a instrucção da mocidade, para honra do clero de França, e para a consolação dos prisioneiros. Esta sociedade, como é sabido, encarregou-se do triste e penoso, se bem que caridoso ministerio de assistir aos criminosos condemnados á morte.

Assim não pôde deixar de ser eternamente abençoado o nome de Roberto de Sorbonne, instituidor d'aquella casa.

Mas a Sorbonna extinguiu-se no tempo da Revolução franceza do seculo passado. Até aos seus ultimos momentos aquella sociedade mostrou o seu zelo, sabedoria, firmeza e orthodoxia.

Acabou a Sorbonna. E' mais um beneficio dos revolucionarios jacobinos.

Roberto de Sorbonne deixou varias obras cheias de unção; versam principalmente sobre assumptos de piedade e sermões.

Mas a sua obra mais notavel e que immortalizou o seu nome foi a fundação da sociedade de theologia que se chama a Sorbonna.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

S. Luiz, Bispo de Tolosa

(TRADUÇÃO)

ENTRE os grandes homens que brilham no céo da religião seraphica como astros de primeira magnitude, e illustraram com o esplendor da sua sciencia e virtudes o humilde habito franciscano, obteve logar eminente e dignissimo sob todos os conceitos o angelico Bispo de Tolosa, S. Luiz d'Anjou, illustre pela sua estirpe, grande pelo seu prodigioso saber e maior todavia pelos thesouros immensos de celestiaes dons com que o Senhor enriqueceu o seu immaculado espirito. O sexto centenario da sua gloriosa morte, que grande parte do orbe catholico

se prepara para solemnizar, desperta em nossa mente dulcissimas recordações que contribuem por modo admiravel para a exaltação de tão santo Prelado: recordações que transmitidas de geração em geração até nossos dias, podem dar-nos uma ideia, ainda que vaga, da sua heroica virtude e excelsa santidade. Contemplemos aavez de seis seculos a angelica figura de S. Luiz de Anjou nas diversas phases que a sua vida nos apresenta, e vêl-a-emos engrandecer-se prodigiosamente á medida que avança na idade e tomar proporções colossaes no mesmo momento em que vae succumbir victima dos rigores de penosa febre, para levantar depois o seu vôo ás puras regiões da immortalidade.

Ante tudo isto, quão abundante de recordações não é a data do seu nascimento! No mesmo anno (1274) em que S. Luiz apparecia na terra de Brignoles e mettido em regio berço recebia os primeiros cuidados d'uma multidão de cortesãos que á porfia se esmeravam em presentear-o, baixava ao sepulcro na historica Lugduno, no meio das lagrimas do concilio ecumenico, o grande S. Boaventura, gigante da Escolastica e principe da Igreja, quasi ao mesmo tempo que em Duno (a cidade sanctificada com a presença do apostolo da Irlanda S. Patricio) nascia o valoroso protagonista da original innocencia de Maria, João Duns Escoto, que havia de encher de admiração com seus prodigiosos feitos as gerações futuras e engastar na aureola das glorias franciscanas o seu precioso florão.

S. Luiz e o Veneravel Escoto! Vêde ahí o nome d'esses dous heroes que appareceram no mundo resplandecentes soes no anno em que o doutor seraphico declinava no occaso da sua existencia, adornado com os laureis do triumpho. Brilhou Escoto durante a sua vida no hemispherio das intelligencias, continuando gloriosamente na palestra litteraria da obra do Seraphim de Bagnorea; ao mesmo tempo que a sua missão providencial como Bispo era continuada por S. Luiz na séde pontifical de Tolosa. Ambos admiraram o mundo com o brilho incomparavel de suas excepcionaes qualidades, este no regimen da Igreja, aquelle nas controversias da aula; ambos foram exactos observadores da Regra do Pobresinho d'Assis; ambos edificaram o povo com o fulgor de suas admiraveis virtudes; e ambos, finalmente, desceram ao tumulo em idade florida, depois de terem trabalhado com infatigavel zelo pelo bem da Igreja e da sociedade inteira.

Sem embargo d'isto, foi bem diversa a via pela qual o Senhor, em seus insondaveis designios, determinou con-

duzir ao seio da religião franciscana estes dous homens extrordinarios. O subtil doutor, ainda que de illustre ascendia, nascido em ignorado berço, por causa da pobreza dos seus progeutores, não teve que lutar com as poderosas contradicções que tendiam a desvirtuar a heroica resolução do principe herdeiro das corôas de Napoles, Sicilia e Hungria. Este valeroso joven, que tinha visto deslisarem-se os dias da sua infancia entre o reboliço das pompas mundanas, onde de ordinario não se presenciam senão tragicos melodramas que fazem verter sangue impuro, ansiava fugir dos perigos a que estava exposto, para guardar d'este modo incolume o precioso thesouro da graça baptismal que até então havia conservado, a despeito do mundo e do inferno, que invariavelmente o sitiavam. As auras da lisonja, que geralmente dominam na côrte, nunca chegaram a manchar a pureza com que o céo o havia distinguido: o seu porte, que era sempre o mesmo, tanto entre as opulencias do palacio real como no meio das privações da prisão que supportou com admiravel constancia para d'ella libertar seu pae, Carlos II, era a mais violenta censura que imaginar se pôda contra a impudicia e libertinagem que predominavam: e a sua attitude sempre suave e benevola para com os que o tratavam, davam novo fulgôr á encantadora belleza de que era dotado.

Estas preciosas qualidades que faziam do joven principe um prototypo de perfeitos christãos e cortezãos, eram o mysterioso talismão que attrahia a si com irresistivel efficacia os olhares de todos e captava as sympathias dos que com elle fallavam. Seu pae, que contemplava com orgulho os eminentes dotes que o distinguiam, tinha n'se postas os olhos para lhe succeder no throno: sem duvida eram outros os designios que a divina Providencia havia formado ácerca do santo, que cada vez mais possuïdo da formosura da virtude, tinha já concebido a heroica resolução de renunciar os seus direitos ao throno, abdicando na pessoa de seu irmão Roberto. Confirmou-se de novo nos seus santos propositos de trocar a real purpura pelo tosco habito dos Menores, depois do perigoso incidente que lhe succedeu, quando, passeando certo dia em companhia de seu irmão sobre um palafrem, cahiu ao chão e soffreu por tres vezes a forte pressão do animal que pizava o seu corpo. Apresentou-se então á phantasia de Luiz a recordação das vaidades do mundo com toda a sua aterradora intensidade e ratificando o voto que antes tinha feito de consagrar se em tudo e por tudo ao serviço de Deus na religião seraphica, executaria immediatamente os seus de-

sejos se o conselho do seu confessor não o obrigasse a desistir por então do seu intuito.

Dedicava-se o santo com todo o enthusiasmo ao estudo das letras divinas e humanas, sob o magisterio dos franciscanos, como o provam a Bulla da canonisação e a sua vida, escripta pelo seu biographo contemporaneo João de Orta; e como eram grandes as qualidades do seu engenho, foi tambem grande o fructo que em pouco tempo colheu, conseguindo adquirir uma instrucção vastissima em todos os ramos do saber, principalmente n'aquelles que mais directamente se relacionavam com o sagrado ministerio que pensava abraçar. Recebeu das mãos do seu confessor as Ordens menores; quando estava proximo a abandonar a prisão em que tantos annos permanecera, felicitava-se por vêr chegado o momento em que poderia pôr em execução o seu voto, sem deixar de pressentir a grande opposição que seu pae havia de fazer-lhe. Confiando todavia no auxilio do Senhor, esperou tão critica occasião e viu sem receio approximar-se o dia de fallar sobre o assumpto ao rei, seu pae.

Qual não seria a surpresa do monarcha ao ouvir da bôcca de seu filho Luiz tão estranha noticia, quando elle lhe propunha o desposorio com a irmã do rei de Aragão? Ante a inquebrantavel firmeza do Santo depressa se convenceu que seriam inuteis todos os esforços em contrario á sua resolução. Julgando que com o tempo lhe desvaneceria a ideia do cumprimento do voto, mandou o em companhia de seu irmão para Italia. Em Roma recebeu a Ordem de sub diacono e pouco depois em Napoles as de Diacono e de Presbytero. Passava já de anno a sua estada n'esta cidade, inteiramente consagrado ás funcções do ministerio apostolico, e o Summo Pontifice, desejoso de galardoar d'algum modo os seus serviços, nomeou o Bispo de Tolosa, ainda que só tinha 21 annos de idade, dignidade que S. Luiz não pôde evitar, apesar dos seus esforços; conseguindo sómente do Papa que antes de accetar o Bispado lhe fosse permittido professar a Regra seraphica, como o fez nas mãos do geral da Ordem, Frei João de Muro, ante toda a nobreza romana reunida em Aracoeli.

E' impossivel descrever aqui o admiravel zelo que, durante os dous annos e meio da sua Prelazia, desenvolveu no exercicio do seu cargo pastoral. A pé e com o velho habito percorria as freguezias da sua diocese, pregando em todas as povoações a doutrina evangelica e attrahindo com o seu bom exemplo as almas extraviadas ao redil da Igreja. No Paço Episcopal tinha alguns religiosos, em companhia

dos quaes se entregava aos exercicios de piedade e penitencia: macerava frequentemente o seu corpo com disciplinas e cilícios, redusindo-o á escravidão: observava rigorosamente a Regra da Ordem sem permittir a mais ligeira moderação e em todas as suas acções mostrava claramente as grandes virtudes que, em tão pouco tempo de vida e no meio dos trabalhos do mundo, havia adquirido.

Emquanto todos os seus subditos o amavam com delirio e proclamavam em altas vozes a santidade da sua vida e doutrina, parecia ao Santo que a carga do Episcopado era demasiado pesada para os seus debeis hombros; por isso rogou incessantemente ao Gerarcha da Igreja que o dispensasse do cargo pastoral e lhe concedesse licença para terminar os seus dias n'um convento; as suas supplicas não eram escutadas pelo Santo Padre, que as attribuia sem duvida aos receios que nasciam da sua profunda humildade e o faziam considerar incapaz para tão elevado cargo. Mas o Senhor, que lia no fundo de sua alma os seus mais occultos segredos, ansioso por remunerar uma vida tão cheia de meritos e virtudes, houve por bem chamal-o a Si.

Conhecendo o Santo, pela sua debilidade e falta de forças, estar já proximo o dia da sua partida para a eterna viagem, retirou-se para o castello de Brignoles, onde, recebidos os Santos Sacramentos, acompanhado de seus irmãos, os religiosos, e mergulhado por completo n'um pelago immenso de divinas consolacões, fechou com a chave d'ouro d'uma morte santissima o curso d'uma existencia inteiramente consagrada ao serviço de Deus e aos bem das almas, na infra-oitava da Assumpção da Virgem de 1297; mysterio de que fôra particular devoto.

Apenas se divulgou a noticia da sua morte, innumeraveis multidões corriam de todas as partes a contemplar o seu cadaver, em cujo rosto se admirava a belleza que nos seus primeiros annos o adornava e depois se desfigurara algum tanto, pelas grandes penitencias com que macerava o seu innocente corpo. Todos os que antes haviam admirado as suas virtudes davam-lhe o nome de Santo e os enfermos de todas as classes e condições que acudiam á sua protecção viam-se rapidamente remunerados com uma perfeita saude. Assim quiz o Senhor honrar depois da morte o santo Prelado de Tolosa que com tanta piedade o servira durante a vida.



A ASSUMPCÃO DE NOSSA SENHORA

SECCÃO CRITICA

Desanimadores!

HA HOMENS, que mesmo sem o quererem, fazem um grande mal, por isso que desanimam outros empenhados em boas obras; e fazem-no assim não por serem contrarios a taes obras, mas porque não vdem resultar logo d'estas todas as boas consequencias conformes com os seus bons desejos: são desanimadores! Em campanha os desanimadores são punidos em continenti, por isso que uma voz, que seja desanimadora, pôde tornar vencido um exercito. Nas campanhas moraes os desanimadores, embora de boa fé e não unidos com os dominados pelos respeitos humanos chegam, sem o quererem, a collaborar com estes. O *Clama ne cesses!* do propheta é sen-

tença contra os desanimadores. Diz-se em Portugal: alma até Almeida, e de Almeida para diante alma sempre! é de bom golpe sobre os desanimadores; quando estes são gente de crença, mas enfraquecidos para lutar e excitar para a lucta, é dizer-lhes bem alto: *Sursum corda!* Ainda ha pouco entretivemos dialogo com um mui respeitavel homem e tão bom que o chamaremos d'ouro, porém n'um ponto do nosso dialogo apresentou-se desanimado e desanimador, mas não me desanimou, graças a Deus! O ponto foi os congressos catholicos em Portugal. O meu interlocutor disse-nos: approvo os congressos catholicos realizados (basta serem-no com a approvação e benção de Sua Santidade) approvo-os em geral e cá no reino, mas com relação aos portuguezes não vejo resultados. Isto foi um dizer desanimado e desanimador, sahido de uma bocca aliás zelosa das cousas de Deus.

Ha quem espere que os mesmos

congressos façam milagres, disse com certa critica um animado e animador respondendo a um desanimado e desanimador.

Quando se tratava de reunir o segundo Congresso Catholico Bracarense, appareceu uma correspondencia de Braga n'um jornal do Porto, não *A Palavra*, na qual o correspondente dizia: «Vai-se reunir n'esta cidade o congresso catholico; e quando este não faça mais que reunir-se, será sempre uma sementeira de boa doutrina.» Bom e irrespondivel este juizo!

Os congressos catholicos teem por sua primeira mira confessar a doutrina catholica e defendel-a combatendo os erros; taes reuniões apertam os laços da fraternidade catholica, fazem reciprocamente conhecer-se pessoalmente muitos dos soldados de Christo que sem as mesmas reuniões nunca viriam a vêr-se e a tratar em collectividade dos interesses da religião e da sociedade; do que só pôde duvidar quem for alheio

ao bom criterio e á experiencia; assim calam-se os desanimados e os desanimadores! Os congressos catholicos foram os primeiros na sua indole, pois de outra natureza são os congressos diplomaticos e os legislativos. Aquelles mostraram sua valia e tanto que depois começaram os congressos para mil serviços de interesses mundanos. Como temos dito, e é de todos sabido, os congressos catholicos tem a sanctão e benção do vigario de Christo na terra, o qual para os abençoar não se tem reservado á espera dos fructos produzidos, pois que a verificação das referidas collecções só por si são já um grande fructo de fé catholica! Sua Santidade não cessa de recommendar a repetição dos congressos catholicos; é quanto basta para que os homens de fé viva tratem de os repetir não dando ouvidos aos desanimados e aos desanimadores.

Quem não está resolvido a ser soldado decidido que se metta em casa, pois que de tal modo não contagiara outros; e se haverá com Deus! E' mais que tempo para que o congresso catholico se reúna de novo em Portugal; n'isto se pensa e para isto se trabalha; do céu esperamos o auxilio! Fazamos da nossa parte como Deus quer, para que de novo se verifique o congresso catholico em Portugal, e vindo a ser o nono em terra lusitana; será triumpho sobre os inimigos da causa catholica, e desengano para os desanimados e desanimadores. Os congressos catholicos são attracções para a verdade! Perguntará alguém: Mas porque os congressos catholicos só appareceram na segunda metade do seculo dezenove? Porque as circumstancias não exigiram antes tal meio de serviço á fé catholica; aprouve á divina Providencia que se realisasse agora! Está respondido; Deus não tem que dar contas! não as dá, pede-as! e todos as devemos. Os interregnos nas boas obras, quando sejam inevitaveis deve-se procurar que sejam o mais curtos quanto possivel.

Se os altos fornos arrefecem, fica perdida a obra; nas cousas de religião é mister que o alto forno do zelo catholico arda sempre e em augmento, e d'est'arte pelejar contra essa faina sem interrupção no serviço do mal feito e commandado pelo Demo. Vamos com Deus!

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

SECÇÃO LITTERARIA

Vieira missionario

(Poesia, recitada na festa da distribuição dos premios, no Collegio de Campolide, pelo alumno Eduardo Reis).

O heroe a quem hoje estes preitos
Consagramos d'illustre memoria,
De teus feitos, Lisboa, na historia
O seu nome gravado deixou.
Em teus paços foi astro luzente
Que fulgiu com insolito lustre:
Mas teu nome torrou mais illustre
Porque em céus mais d stantes brilhou.

Viu Paris sua luz e invejou te
Este azul de teus céus crystallinos.
Se d'Hollanda frustrou desatinos,
Cubiçou-te seu peito leal.
Tambem Roma a seus brados suspensa
A Mãe Patria lhe fôra gostosa,
Só Madrid o maldiz desdenhosa
Porque escravo não quer Portugal.

Mas da patria o não prende o encanto,
D'essa patria que tanto estremece:
Não o dobra mesquinho interesse,
Nem das côrtes o fausto o seduz;
Mais anhela seu peito constante
Ir além das indomitas vagas
Do Brazil nas inhospitas plagas
Arvorar o pendão de Jesus.

Eis cumprido o seu desejo:
A fadada hora soou:
E já nas praias do Tejo
A armada ferro levou...
Lá vão valentes soldados
De arnez e couraça armados
Pela patria pelejar,
Mas se tem a patria encantos,
Porque a deixam filhos tantos?
Que buscam além do mar?

Honra, gloria, immortal fama
E da patria o esplendor
A'quellas paragens chama
Heroes de tanto valor.
Mas na nau eis se descobre
Outra milicia mais nobre,
Outras armas a empunhar.
Mas se tem a patria encantos
Porque a deixam filhos tantos?
Que buscam além do mar?

De valor invicto armados
Empunham na dextra a cruz,
São guerreiros, são soldados,
Mas soldados de Jesus.
Não invejam ledas palmas
De victoria, querem almas
Para Christo conquistar.
Mas se tem a patria encantos,
Porque a deixam filhos tantos?
Que buscam além do mar?

E lá vão... só de Lisboa
Veem já os coruchéos,
E na armada triste são
Saudoso o ultimo adeus!
Sopra-lhe a brisa fagueira
Porque leva ali Vieira,
Embala-a sereno o mar.
E as aguas singrando ávante
Lá vae a nau triumphante
Outras praias demandar.

Mas Vieira áquellas brenhas
Porque vae de Portugal?
Que busca em terras estranhas
Entre o tapuia boçal?

Maior viço n'esse clima
Cuidará talvez achar?
Ou colher maior estima
Das nações d'além do mar?

Do quarto João no Paço
Não é ministro fil?
Tove acaso alguma ameaça
Ou contratempo cruel?

Pois do Rei pôde um privado
Inda mór amor fruir?
Não chora por de seu lado
O ver agora partir?

Mas lyra, no louco intento
Não pretendas avançar:
De Vieira em vão intento
Medir lhe zelo sem par.

P'ra seu forte e nobre peito
Honras, fama, nada val:
E é-lhe campo muito estreito
O reino de Portugal.

Vê sob as trevas da morte
Tribus barbaras sem fé,
E tem có da triste sorte
Da gente que em Deus não cre.

E lá vae a climas novos
Prégar a lei de Jesus;
E espalhar em rudes povos
Do Evangelho a viva luz.

Brazil, apregoam-te plaga ditosa
Porque ouro te corre nas veias a flux;
Mas ouro não tens de tão alto quilate
Qual tem o thesoiro que a nau te conduz.

Tens ouro, tens prata, tens finos diamantes,
Topazios que rolam nas aguas a mil.
Que importa? seus brilhos e cores mimosas
Desmaia o fulgor d'esta per'la gentil.

São bellas as palmas que criam teus bosques,
Teus cedros altivos e pau de setim,
São lindas tuas aves de fôfa plumagem,
Mas já me não prendem seus cantos a mim.

Em tuas florestas só quero sentado
A doce mensagem dos echos ouvir,
Que os brados sublimes do zelo fervento
Do grande Vieira me vom repetir.

As onças e tigres, deposta a fereza,
Ouvindo-o suspensos verei a seus pés,
E como encantadas escutam serpentes
A voz que não prezam os homeus talvez.

Vel-o-hei a selvagens tapuias gulando,
Co'a cruz por pharol, ao caminho do ceu.
Qual surge entre as urzes o cedro gigante,
Qual astro que a orbita errante perdeu.

Depois quero vel-o do collo do escravo
Quebrar gargalheiras, dos pés os grillões,
E em troca algemandando com elles intrepido
Illustres escravos de ignovels paixões.

Se um dia a cubica com herrida sanha
Expulso o banir sobre as ondas do mar,
Ouvir tambem quero os sentidos lametoz
Dos barbaros tristes por elle a chorar.

Oh! vále-o correndo por brenhas inhospitas;
Por ingremes serras, por vastos sertões,
No seio de feras boças antropophagos
Plantando virtudes, cortando paixões.

Lá vae... não receia das ondas os impotos;
Não teme dos mares occultos parcos;
As setas ervadas não teme do barbaro
Não teme das feras os dentes cruos.

Lá vae! e nos bosques, dos montes nos pinaros
Cingida se ostenta de glorias a cruz
E os povos rev'rentes com jubilo insolito
Se curvam, se prostam, adoram Jesus.

E templos e altares lá surgem esplendidos,
E n'elles inconsto tributam a Deus.
E mysticos hymnos já erguem unisonos
Com barbaras vozes, mas que entram nos céus.

E o mundo admira este novo prodigio
Que logo se opera no vasto paiz.
E inda hoje lhe chama o Brazil seu apostolo,
E o inclyto nome de Vieira bendiz.

Dois seculos passaram por cima da gloria
Que, em lides de Apostolo, Vieira ceifou.
Mas não a estirolaram pégadas dos seculos;
Viçosa para sempre tal gloria ficou.

A educação da mulher

*A civilização dos povos está
na razão directa da educação
que as mulheres recebem.*

JESUS Christo, levantando a pena
infamante da escravidão impestada
a Eva ao ser expulsa com Adão do
Paraizo, é o fundamento da verdadeira
civilização do mundo, a base natural e
unica de todo o progresso immenso.

A historia, mestra da vida, em suas
immortaes paginas, nos mostra com o
fulgor da verdade, como os povos que
melhor educam seus filhos são tambem
os povos mais livres e mais ditosos,
são os que mais se approximam da per-
feição absoluta, a méta de todos os hu-
manos ideiases.

Ella tambem nos mostra como a na-
ção que tem em pouco apreço este
principio pedagogico, é tambem escra-
va e dependente de um tyranno.

A mulher, como individuo racional
e humano, tem o mesmo direito que o
homem a ser educada e preparada para
a missão que a natureza lhe assignala.
Como tem podido cair no erro inhumano
e cruel de negar á mulher, (pele
menos metade da humanidade) a edu-
cação, isto é, o indispensavel ao ser hu-
mano, a condição *sine qua non* se for-
mará jámais a sua personalidade? Ah!
mas a mesma sociedade que nega á mu-
lher a educação que necessita, exige
depois d'ella a responsabilidade de to-
dos os seus actos, a integridade da sua
pessoa; com que direito? Negar direi-
tos e exigir deveres, é o ponto culmi-
nante do absurdo e do irracional.

Ao tratar esta questão, a mais ar-
dua, a mais importante e a chamada a
resolver o problema da civilização hu-
mana, levantam-se por todos os lados
vozes de protesto por todos aquelles
que, a julgar pelas razões que expõem,
ou melhor dito pela falta de razão de
seus discursos, não sabem nem jámais
reflexionarão sobre pedagogia, nem so-
bre o destino da mulher e suas facul-
dades de ser humano.

Desconhecendo lastimosamente até o
mais elementar da sciencia da educa-
ção, julgam que o querer educar a mu-
lher, é pretender fazer d'ella uma dou-
tora, ou uma sabia e... nada mais.
Como se a personalidade se formasse
com o mero conhecimento d'algumas
verdades mais ou menos claras e uteis,
que nas aulas se aprendem... ou não
se aprendem!...

A educação não é isto; consiste em
desenvolver todo o ser humano, sem
dar predilecção a nenhuma das suas fa-
culdades, mas harmonizando-as todas,
e formar e accentuar a personalidade
humana.

Se alguma intelligencia feminina se
distingue entre as demais, e impulsio-
nada por sua vezação e facilidade che-
ga á méta do saber, que mal se encon-
tra n'isso? E' acaso um delicto o ar-
rancar á natureza os seus segredos, co-
nhecer o que Deus collocou ante a nos-
sa intelligencia?

Porém, isso não é tudo; senão veja-
mos.

Na grande familia humana, a mulher
é um individuo racional, que tem uma
alta missão a ampliar, que traz com si-
go um direito, ao nascer:—o de ser
educada e preparada em condições de-
vidas e necessarias.

A sociedade que, faltando a este pri-
meiro dever de educar seus filhos, nega
a educação á mulher, é uma sociedade
insensata e miseravel, que paga e pa-
gará mui caro o seu temerario proce-
dimento.

A mulher, por si mesma, por sua
propria individualidade, precisa da edu-
cação de todas as suas faculdades, tan-
to physicas como psychicas, tanto ge-
raes como individuaes e caracteristicas.

Na familia, a mulher desempenha
uma missão importantissima sempre;
como filha, como irmã, como esposa e
como mãe. Na familia onde cada um
dos individuos que a formam não cum-
pre os seus deveres, não ha paz possi-
vel nem engrandecimento moral, nem
physico.

D'isto resulta que a mulher não só
por si, mas pela familia, necessita uma
educação adequada, uma preparação
indispensavel.

Na sociedade, a grande familia hu-
mana, e na natureza a mulher tem o
seu posto e o seu cargo.

—E qual é este? O mais alto, o mais
excelso, o mais delicado, grandioso e
difficil de cumprir:—o de mãe, isto é,
o de preceptora de seus filhos, educa-
dora da humanidade.

Ella toma em seus amorosos braços
o pequeno ser que Deus mesmo lhe
entrega, e ella dá forma áquella indi-
vidualidade em principio, áquella per-
sonalidade em embryão. Como ha
de fazel o, sem preparação anterior?
Quem será capaz de dar o que jámais
possuiu?

As suas nativas faculdades acham-
se atrophiadas por falta de exercicio,
e a sua obra redemptora ficará sem
effectuar-se, e o homem sem educação,
escravo do seu corpo mal desenvol-
vido e rachitico, de suas paixões que
n'um ser debil facilmente se desenvol-
vem e arreigam; escravo de mil modos
o ser que naturalmente nasceu livre,
quem será capaz de reconhecer n'el-
le a imagem bellissima do seu Crea-
dor?

Ainda mais. A mulher é o funda-
mento da familia, a guarda da sua in-
tegridade e unificação; a sua personali-
dade, portanto, deve ser profunda e de-
terminada.

Ninguém necessita em tão alto grau
como ella, para a lucta constante da
vida, um corpo robusto que resista ás
penas que a natureza lhe reserva, um
sentimento delicado na sua missão de
educadora, uma intelligencia clara para
julgar e dirigir o educando, uma von-
tade firme e energica disposta a luctar
com os desejos d'outrem juntamente
com os proprios, uma *personalidade* in-
teira, n'uma palavra.

Observando e reflexionando sobre o
assumpto de que tratamos, facil é dis-
tinguir que o bem e o mal que a mu-
lher determina, é o mais real, mais pro-
fundo e decisivo para a humanidade,
que o levado a cabo pelo homem, e que
ella é, na sociedade em que vive, An-
jo Redemptor que ha de salvar, ou Lus-
bel, que a empequenece e aniqui-
lará.

FLAVIO MARTINS.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

RECEBEMOS e agradecemos o bello
livrinho—*Maria fallando ao co-
ração das donzellas*, meditações para
todos os dias do mez, compostas por
um sacerdote da Congregação da Mis-
são, traducção do italiano de Antonio
José Alves do Valle, approvada e re-
commendada por Sua Ex.^a Rev.^{ma} o
snr. D. Antonio, Arcebispo Primaz.

E' um livrinho precioso, que se ven-
de na livraria Valle, de Barcellos, e

que recommendamos aos nossos leitores. Preço, brochado, 200 réis; encadernado, 300 réis.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Jesus cura um leproso

(Vid. pag. 183)

DEPOIS do milagre das bodas de Caná, Jesus fixou a sua residência em Capharnaum, e ali começou a confirmar a sua doutrina por milagres taes como a cura do filho do centurião, a d'um paralytico e a d'um leproso e a sujeição do mar de Genezareth encapellado.

E' á cura do leproso que allude a nossa gravura.

*

* *

A Assumpção de Nossa Senhora

(Vid. pag. 189)

A opinião mais recebida na Egreja, fundada na tradição, é, que depois da Ascensão do Salvador aos céos e da vinda do Espirito Santo, viveu a Virgem vinte e tres annos e alguns mezes n'este mundo. Ainda que era tão ardente e vivo o desejo que tinha a Senhora de seguir ao céo seu querido Filho, consentiu em ficar na terra para consolação dos fieis e para attender ás necessidades da Egreja recém-nascida, convindo que sua presença supprisse d'alguma sorte a ausencia corporal de Jesus Christo. O muito que podia no céo era de grande soccorro aos fieis que viviam na terra, vivendo n'aquelles primeiros tempos de perseguição, sustentando sua fé com a noticia e a consolação de que ainda vivia entre elles a Mãe do seu Deus. Era a Virgem seu oraculo, seu apoio e todo o seu refugio. Fortalecia sua virtude, animava seu zelo, ensinava os doutores, diz o sabio Idiot, e era como o oraculo dos mesmos apóstolos: «Doctricem doctorum, magistram apostolorum.» E o abbade Kupperto assegura que em certo modo suppria com suas instrucções o que o Espirito Santo não teve por conveniente descobrir-lhes, tendo-se-lhes communicado para assim dizer com limite e por medida; e os santos Padres convem em que o Evangelista S. Lucas soube singularmente da bocca da Santissima Virgem as particularidades da infancia do Menino Jesus que nos deixou individuadas no seu Evangelho, e que por isso se diz n'elle que Maria não deixava perder cousa alguma das que se passavam, conservando-as na memoria e meditando-as no coração: *Maria conservabat omnia ver-*

ba hæc, conferens in corde suo. Durante o espaço d'estes vinte e dois annos, a vida da Santissima Virgem foi um continuo exercicio do mais puro amor e um modelo perfeito de todas as virtudes; uma oração não interrompida, e esta mesma oração um extase perpetuo. Visitava com frequencia os logares sagrados que o Salvador tinha santificado com sua presença, no cumprimento dos mysterios da nossa redempção. Ainda que esta divina Mãe vivia na terra, seu coração nunca se separava do de seu amado Filho que habitava no céo.

Passavam-se poucos dias sem que Jesus Christo lhe não apparecesse, e nenhum, em que não conversasse familiarmente com os anjos, singularmente destinados a seu serviço; e ainda que distante da celestial Jerusalem, em quanto durou sua habitação na terra, gostava abundantemente de todas as suas delicias.

Havia quasi doze annos que residia em Jerusalem a Santissima Virgem, quando os apóstolos e os discipulos se viram constringidos a retirar-se d'esta cidade por causa da perseguição que os judeus suscitaram contra os fieis.

E se os maravilhosos progressos que fazia o Evangelho a enchiam de gozo e consolação, encontrava um grande motivo de pesar no furor, com que a Egreja era perseguida. Quando a Virgem deixou Jerusalem, encaminhou-se para Epheso em companhia de S. João pelos annos 45 do Senhor; mas socegada um pouco a perseguição, voltou áquella cidade, onde ficou o resto da sua vida.

N'este entrementes tendo já levado os apóstolos o pharol da fé a quasi todo o universo, e estando já a Egreja solidamente estabelecida em toda a parte, parecia tempo de que a Virgem deixasse a estancia da terra que considerava como logar de desterro.

Suspirava continuamente por aquelle feliz momento que havia de reunir-a para sempre a seu muito amado Filho, quando um anjo que se crê ser S. Gabriel, lhe veio annunciar o dia e a hora do seu triumpho. E' certo que tendo sido isenta do peccado original por especial privilegio, como de toda a culpa durante sua vida innocentissima, não estava sujeita á morte que é pena do peccado; mas tendo-se sujeitado a ella Jesus Christo, não quiz Maria eximir-se de padecer-a.

Seis circumstancias, cada qual mais prodigiosa, notam os sanctos Padres na Assumpção da Santissima Virgem. Primeira, sua morte, que muitos d'elles e alguns martyrologios chamam somno: *Dormitio*. Segunda, a glorificação de sua alma no mesmo momento de sua separação. Terceira, a sepultura de seu

sancto corpo no logar de Gethsemani. Quarta, sua gloriosa resurreição tres dias depois. Quinta, sua triumphante Assumpção em corpo e alma aos céos. Sexta, sua coroação na gloria pela SS. Trindade.

Alguns padres antigos, e entre elles Santo Epiphanio, parece que põem em duvida que a Mãe de Deus tenha morrido, ou se ella terá sido immortal. Auctorizam essa duvida bem fundamentada sua Immaculada Conceição, e sua maternidade divina; mas a Egreja na oração d'este dia expressa que verdadeiramente morreu segundo a condição da carne: *Quam pro conditione carnis migrasse cognoscimus*.

S. João Damasceno diz que não se atreve a chamar morte a esta separação, mas somno ou união mais intima com Deus; um transito da vida mortal á ditosa immoralidade: *Sacram tuam migrationem haudquaquam appellavimus mortem, sed somnum au peregrinationem, vel, ut aptiori verbo utar, cum Deo presentiam*. Não separou, dizem os Padres, aquella purissima alma de seu sancto corpo, nem a violencia da enfermidade, nem a desordem dos humores, nem o desfallecimento da natureza; rompeu aquella união o puro amor divino, e obra sua foi a morte da Virgem. Maria ateando o Espirito Santo no seu coração um amor tão ardente, que foi um continuo milagre, diz S. Bernardo, a vida de Maria, não sendo possível que sem elle supportasse o violento ardor d'aquelle divino fogo. Cessou este milagre com sua morte. Não quiz Deus suspender por mais tempo o effeito d'aquelle sagrado incendio; deixou-o obrar em toda a sua força n'aquelle coração sem mancha, sanctuario do divino amor. Não pôde naturalmente resistir por mais tempo a seus esforços, e consummido pela violencia d'aquelles divinos ardores, terminou sua dôr tão sancta vida. Ou não havia de morrer a Santissima Virgem, ou havia de morrer de amor.

A festa da Assumpção sempre foi uma das mais solennes da Egreja; e pelo que toca ao rito vae quasi a par do da Epiphania e da Paschoa. Mas em França pôde affirmar-se que se voltou mais celebre do que em outras partes desde que Luiz XIII de gloriosa memoria (Bourd.) no anno de 1638 escolheu este dia para consagrar sua pessoa, sua real familia e todo o seu reino á Santissima Virgem, não já por um voto secreto formado dentro do seu coração, mas pelo mais publico e autentico que fez jámais monarcha algum christão, pois da mesma maneira que David fel-o na presença do seu povo: *In conspectu omnis populi ejus*, mandando-o publicar em todos os logares de seu dominio, interessando n'elle to-

dos os seus vassallos, e querendo que fosse de eterna memoria.

RETROSPECTO

Em um hospital de França

E' devéras interessante o que succedeu em Artes, por occasião da visita que o presidente da Republica, Felix Faure, fez ao hospital d'aquella cidade. Que hospitaes e que visitas as da philantropia! Quando se teve noticia da vinda de Faure, não havia nem um só enfermo no estabelecimento benefico da cidade; de modo que para illudir o compromisso, teve-se de mandar reunir um certo numero de homens para se fingirem enfermos; os quaes, quando se achavam já bem estendidos nas suas camas, foi então que receberam as devidas consolações do *caritativo* snr. presidente. Foram estas tão efficazes e milagrosas, que quasi ao mesmo tempo que o snr. Faure sahiam do hospital todos os enfermos bem curados e melhor pagos por sua mão. Hoje, como sempre, a philantropia é a moeda falsa da caridade.

Diabruras do telegrapho

O telegrapho tem ás vezes equivoocos que causam não pequenos transtornos. Um d'estes *lapsos* acaba de dar-se em França.

Uma senhora de Dossai convidou um sobrinho, residente em Arras, a ir visital-a.

«Vê se podes decidir tua mulher a vir contigo, dizia-lhe ella na carta, e participa pelo telegrapho a hora da chegada».

Algumas horas depois a senhora recebia o seguinte telegramma:

«Eugenia *décédée* (fallecida) ás 12,40».

A senhora, muito afflicta, seguiu logo para Arras, onde encontrou a Eugenia de perfeita saude a preparar-se para a viagem.

No telegramma em vez de se lêr *décédée* (decidida) estava escripto *décédée* (fallecida).

A lenda de Santa Thereza

Thereza, essa grande santa tão celebre pelo seu ingente e arrebatado amor pelo seu Divino Mestre, querendo mostrar que em tudo lhe pertencia e tudo lhe dedicára, appellidára-se *Thereza de Jesus*.

Estava ella um dia meditando no sombrio mas magestoso claustro, quando avistou uma encantadora creança que vinha caminhando para ella de baixo da accaria gothica.

Levada por um rasgo de amor pelo Menino Jesus, sem saber o que

fazia, Thereza cabiu de joelhos e quando se approximou o lindo anjo que tanto a deslumbrára, ella tomou-o nos braços, o apertou contra o seio.

—Quem sois, irmã? perguntou meigamente a creança.

—Eu, respondeu ella, sou Thereza de Jesus.

—E eu, disse a creança sumindo-se pouco a pouco nos ares, sou o Jesus de Thereza.

Lisonja e sinceridade

Querendo certo soberano do Oriente escolher um confidente que fosse tão sincero como leal, chamou uma tarde ao seu palacio as cinco pessoas da sua capital que eram tidas por mais discretas e de são juizo.

Enfiou nos dedos da sua mão direita cinco diamantes de um tamanho prodigioso, e dirigindo-se aos convocados, disse-lhes:

—Mandei-os vir á minha presença na esperança de que me hão dizer a verdade. Vêem estes cinco diamantes? Pois elles serão a recompensa da sinceridade com que me fallarem. Digam: que pensam do meu poder e da minha gloria?

Quatro dos vassallos puzeram-se a questionar successivamente.

Deslumbrados pelo tamanho e fulgor dos diamantes e na esperança de alcançarem alguns d'elles, exaltaram, excedendo-se a si mesmos, a grandeza do soberano, a quem puzeram muito acima de todos os heroes da antiguidade; fallaram com o maior entusiasmo de seus talentos e de suas virtudes, e acabaram por sublimar-o tanto, tanto, que lhes seria quasi impossivel encontrar expressões novas para ponderar a grandeza e o poder de Deus.

O monarcha tira quatro diamantes dos dedos e por elles os reparte. E dirigindo-se ao quinto, lhe diz: E tu, porque te calas? Diz-me, eu t'o rogo, que opinão fórmas do meu poder e da minha gloria?

—Penso, respondeu, que o vosso poder, real senhor, é um deposito que o Senhor vos confiou para bem de nossos fóros e do qual vos pedirá estreitas contas. Penso mais que a vossa gloria será falsa e passageira se a fazeis consistir no brilho e nas conquistas, e não no mais exacto cumprimento de todos os vossos deveres.

—Não te dou, respondeu o soberano, o quinto diamante, mas a minha confiança e a minha amizade.

Deixa-te ficar ao meu lado, pois achei em ti o amigo que buscava.

No dia seguinte os quatro vassallos voltaram ao palacio um tanto exaltados para dizerem ao rei que o joalheiro que lhe vendera os diamantes o

havia enganado, pois que eram falsos.

—E então julgam, lhes disse o monarcha rindo, que não o sabia? Dáram-me falsos louvores e eu dei-lhes diamantes falsos; paguei-lhes na mesma moeda; de que se queixam pois?

A má leitura é sempre perniciososa

—Por amor de Deus, dizia uma esposa catholica a seu marido, não leias esses maus livros.

—Nada receies, mulher, não me farão mal: esqueço-me depressa de quanto leio.

—Sim! Mas diz-me cá: o que é que comemos ha quinze dias?

—Boa pergunta! Eu sei lá o que então comi!

—E todavia aquella comida alimentou-te!...

O Parocho e o insecto

Era no anno de 1793, anno em que a França vestia luto e em que o sangue de seus filhos corria a flux.

Um feliz sacerdote proscripto, joven disfarçado em aldeão, acabava de abandonar a sua parochia para salvar a vida.

Triste e pensativo, de quando em quando lançava um olhar melancolico para a aldeia que deixava, como para despedir-se das almas cuja guarda o Senhor lhe confiára, e as quaes ficavam em plena tormenta politica.

A's vezes as lagrimas humedeciam seus olhos e punha-se a rezar. Para onde se dirigia? Só Deus o sabia.

Andando, andando, um dia chegou a uma povoação na qual pensava ficar alguns dias em casa d'um antigo condiscipulo. Ao perguntar por esse amigo, todos se assombram, rodeam-n'o e prendem-n'o por suspeito. O nome que o Parocho acabava de pronunciar era o de um nobre cuja cabeça tinha rodado ha pouco no cadafalso. Era evidente que o forasteiro devia ser tambem inimigo das instituições revolucionarias. Foi, pois, conduzido immediatamente para o tribunal do Terror, que funciona sem descanço. O desgraçado confessa que é Parocho, e n'aquelle momento é tambem condemnado á morte, como pouco antes fôra o amigo por quem tinha perguntado.

A execução da terrivel pena devia effectuar-se no dia seguinte. Confiando só em Deus, o joven Parocho preparou-se para bem morrer; e logo, afim de reparar as suas forças desfallecidas, sollicitou ao carcereiro uma ceia frugal a troco d'alguma das roupas que vestia. O carcereiro acceitou a proposta, annuindo tambem ao convite do Parocho para o acompanhar n'aquella refeição.

A' sobrezeza, o carcereiro comprazia se em referir ao condemnado á morte a historia de que fôra theatro aquelle solido e velho carcere. Narrou tambem os feitos d'alguns prisioneiros, e por ultimo a vida dos juizes, provedores da fatidica mansão.

—Que lhe parece a phisionomia do cidadão presidente que o condemnou? disse o carcereiro. Tem uma formosa cabeça de chefe de club, não é verdade?

O Parocho, que se horrorisava só em recordar-se do semblante severo, do olhar duro e ameaçador e o tom secco e imponente do presidente, não contestou.

—Pois bem, continuou o carcereiro, quando sae do tribunal converte se n'outro homem. Parece um cordeirinho! Para mim tem um defeito, uma tolice. Quer crêr que apenas se vê livre da sua patriotica tarca, esse homem corre ao campo a contemplar as flores, á caça de mariposas e em busca de insectos? Uma extravagancia indigna d'um cidadão que está á altura dos seus duros deveres.

Ao cuvir estas palavras, o condemnado, que tambem tinha estudado a fundo os insectos, levanta-se, e recorda-se de que justamente dentro do chapéu tinha um exemplar entomologico, uma singularidade na sua especie; a *necrobia ruficornio*, que casualmente apanhou durante a sua fuga. E fingindo occultar-se do carcereiro, tira o insecto e crava-o mysteriosamente com um alfinete na rolha d'uma garrafa.

O cárcereiro observou attentamente todos os seus movimentos, imaginando que o insecto era algum objecto sedicioso e embargavel, ou alguma coisa suspeita, acaba precipitadamente a coia, apodera-se da garrafa onde se achava a rolha accusadora, e corre a entregal-a ao presidente, a quem refere minuciosamente tudo quanto viu.

Passados minutos depois, dois homens sentados um em frente do outro achavam-se nos aposentos do presidente com os cotovelos apoiados n'uma meza, coberta de curiosissimos exemplares de zoologia. Eram o juiz e o seu condemnado: o Parocho explicava detalhadamente, dava pormenores, revelava costumes e enumerava especies que causavam profunda admiração ao juiz, que umas vezes applaudia, negava outras e por fim acabava por render-se á verdade e á sciencia profunda do seu interlocutor.

Algumas horas mais tarde aquelles dois homens despediam-se, apertando a mão como dois antigos camaradas e derramando um lagrimas de ternura e o outro de gratidão. O Parocho subia a um trem bem fornecido de dinheiro e de certificados; e o juiz, antes implacavel e fero e agora meigo e sub-

misso, separava-se do Parocho, prometendo-lhe com entrecortadas phrases que denunciavam a sua commoção, que ninguem o incommodaria durante a sua viagem a Paris.

O joven sacerdote tão milagrosamente salvo era o celebre Letreille, que falleceu em 1833, depois de enriquecer prodigiosamente a sciencia e ter-se feito crélor da admiração dos mais celebres naturalistas, que o conheciam por — o *Principe da entomologia*.

Sacrilegios recompensados

Nas proximidades de Sezanne (Marne) ha uma fonte chamada de S. Lourenço, onde os christãos vão devotamente lavar os olhos, quando enfermos.

Tres notaveis franc-mações, passando por alli, arrancaram as pequenas cruces de madeira, collocadas *ex-voto* em volta da fonte e emporcalharam a agua.

No dia seguinte, um d'elles — sem duvida o mais culpado — foi atacado d'uma molestia que os medicos não poderam definir.

Todos os dias, durante annos, á hora precisa do sacrilegio, soffria dôres atrozes, que o faziam soltar gritos horrorosos.

A sua morte foi desgraçada como a sua vida e os seus dous companheiros não foram mais felizes do que elle.

Um suicidou-se para escapar á ira d'um grande numero de pequenos proprietarios que elle tinha arruinado, e o outro morreu repentinamente.

Propaganda anti-maçonica

As lojas maçonicas usam uns enveloppes com os dísticos mais ignominiosos impressos no reverso dos mesmos. Entre muitos outros, destacam-se os seguintes:

«O clericalismo, eis o inimigo.» — (Gambetta.)

«A existencia d'uma qualquer corporação clerical é incompativel com a liberdade.» — (Luiz Blanc.)

«Esmaguemos a infame.» — *Voltaire*.

A estes enveloppes dão o nome de anti-clericaes.

Não poderiamos nós tambem adoptar enveloppes anti-maçonicos? E' a pergunta que um correspondente faz a um jornal estrangeiro.

A resposta não pôde deixar de ser affirmativa, tanto mais que a ideia parece-nos excellente.

Qual foi a religião de Washington?

Ha poucos annos um periodico americano occupou-se em investigar se o fundador da republica dos Estados Unidos, Washington, morreu ou não na religião catholica.

Adoptou a primeira hypothese, firmando-se nas razões seguintes: — 1.^a Tinha em sua habitação uma linda e

preciosa imagem da Santissima Virgem, a que se prestava culto. — 2.^a Entretinha affectuosas relações com os catholicos, visitava frequentemente as egrejas dos mesmos e contribuia para seus estabelecimentos. — 3.^a Sua creada negra, Jupa, declarou que elle antes e depois das refeições rezava e fazia o signal da cruz. — 4.^a E' positivo que o Padre Francisco Neroli foi chamado para junto do seu leito de morte e ali esteve quatro horas, até que o moribundo exhalasse o ultimo suspiro. — Washington mereceu esta graça por causa de suas grandes virtudes.

Outro periodico norte-americano declara que havia entre os Jesuitas do Maryland a tradição de que Washington se convertera ao Catholicismo em sua ultima doença.

EXPEDIENTE

A todos os snrs. assignantes a quem mandamos cobrar pelo correio o debito de mais d'um anno das suas assignaturas, pedimos o favor de mandarem saldar as suas contas até ao dia 25 de setembro proximo, aliás ser-lhes-ha suspensa a remessa do jornal.

Igual pedido fazemos a todos os snrs. assignantes das ilhas e do estrangeiro, com a differença de que esperamos pela liquidação dos seus debitos até ao fim do corrente anno; findo este praso e não satisfazendo o que devem, não mais receberão o jornal.

A'quelles que satisfizeram promptamente a sua divida, quando lhes foi apresentado o recibo, agradecemos reconhecidos. Infelizmente o numero d'estes é muito restricto, pois de mil recibos que enviamos para o correio apenas foram cobrados uns duzentos! Os restantes foram devolvidos com a nota: **Avisado. não pagou.**

Não sabem, talvez, estes senhores assignantes que, além do transtorno que nos causam não pagando pontualmente as suas assignaturas, nos fazem gastar inutilmente doze reis em cada recibo, que é por quanto nos ficam todos os que não sejam cobrados.

Alguns ha que não sympathisam com a cobrança feita pelo correio. Para evitar, pois, esse inconveniente, devem mandar satisfazer a sua assignatura a tempo.

Outros ha que, recebendo o jornal tres, quatro e mais annos sem pagar, devolvem-n'o a pretexto de que não continuam a assignal-o por termos mandado cobrar a importancia do seu debito pelo correio!

Em compensação o *Progresso Catholico* tem amigos, poucos sim, mas dedicados, a quem deve muitos serviços.

O administrador,

VICENTE FRUCTUOSO DA FONSECA.